

## Diferentes fontes de informação sobre sexualidade

A escola não é o único local em que os alunos e alunas aprendem sobre sexualidade, gênero, etnia etc. Mas, para muitos, a escola é o local onde há um diálogo aberto sobre esses temas e onde confrontam e sistematizam seus conhecimentos prévios atribuindo ao discurso escolar o caráter de “científico.” O texto alerta os educadores para essas questões.

Seria um ledor engano imaginar ser a escola o primeiro ou o único local onde se aprende sobre sexualidade, gênero, questões étnico-raciais etc. Que outros espaços sociais exercem uma pedagogia da **sexualidade** e do **gênero**? Em que a escola se diferencia deles? Antes de prosseguir na leitura, pense nas especificidades desses locais. Pense, por exemplo, que essa educação nem sempre é formal, planejada ou pedagogicamente conduzida. Ela também se exerce não intencionalmente, como nos jogos e nas brincadeiras aqui descritos. No Módulo Gênero vimos que somos educadas/os, de maneiras sutis, para sermos homens e mulheres, e isto se dá a partir da cor da roupa, dos brinquedos que nos oferecem desde bebês, de ver a mãe cuidando da casa e das/os filhos/as enquanto o pai trabalha fora, por exemplo. Com a sexualidade não é diferente, o aprendizado se dá desde pequena/o e das mais diversas formas.

Citaremos alguns breves exemplos do aprendizado informal e de fontes de informação sobre sexualidade, sem obviamente pretender esgotar as situações. Desenhos animados. Um beijo entre um homem e uma mulher em uma telenovela ou programa infantil. A cena de um parto. As relações sociais e afetivas vivenciadas dentro de cada família (Vale lembrar que esse aprendizado é diferente para cada criança, dependendo, entre outros, do arranjo familiar: apenas mãe e avô, família extensa, com pai e mãe, duas mães etc.). Cruzar na rua com um casal de meninas caminhando de mãos dadas.<sup>1</sup> Revistas voltadas ao público adolescente, como Capricho, Toda Teen, Atrevida e outras. Sites na internet.<sup>2</sup> Conversas entre amigas

*Antes ou no início dos relacionamentos afetivos e de uma vida sexual ativa, as/os jovens que começam a experimentar impulsos e desejo por pessoas do mesmo sexo procuram avidamente informações sobre a homossexualidade em todos os tipos de revistas, jornais, sites da internet e no exemplo de vida daquelas/es que sabem serem gays ou lésbicas. Esta busca se dá amiúde em meio a um intenso conflito interno e a sentimentos de vergonha e solidão, por se tratar de impulsos que, na sociedade, ainda são publicamente condenados ao silêncio e à violência.*

*Como as/os estudantes lidam com tantas informações que chegam a cada instante? Quais as possibilidades e as responsabilidades da escola neste contexto?*

<sup>1</sup> Talvez esta cena seja mais facilmente observada em cidades grandes. No entanto, vale lembrar que a homossexualidade tem sido assunto presente em telenovelas, como em América, com o personagem Júnior (Bruno Gagliasso), em Senhora do Destino, com Eleonora (Mylla Christie) e Jenifer (Bárbara Borges) e em Páginas da Vida e Duas caras.

<sup>2</sup> São inúmeros os sites sobre este tema. Por exemplo: [www.adolescencia.org.br](http://www.adolescencia.org.br)

**As múltiplas maneiras de aprendizagem sobre sexualidade e orientação sexual não podem ser desconsideradas quando se pensa a sexualidade de uma perspectiva cultural e histórica. Elas precisam, portanto, ser levadas em conta em projetos educativos voltados para este assunto.**

têm a oportunidade de conversar nas suas famílias sobre questões voltadas para o assunto, no entanto, este não é o caso da maioria. Além disso, quando olhamos mais detalhadamente no que constitui essa conversa familiar, para muitos e muitas, ela se restringe a ouvir conselhos, como “use a camisinha”, “cuidado para não engravidar”, “olha a barriga” etc.

**Para muitos adolescentes e jovens, aquilo que aprendem na escola acaba servindo de critério verdadeiro para avaliar seus conhecimentos sobre o assunto.**

confere valor de verdade a um determinado discurso é geralmente o seu caráter “científico”. A escola apresenta-se como um meio de fazer circular o conhecimento científico. Conforme vimos no item anterior, o saber que a escola transmite sobre sexualidade é oriundo primordialmente das ciências biológicas e, na medida em que se dá a conhecer como um conhecimento científico,

e amigos. Conversas familiares, mesmo daquelas em que as/os jovens não participem ativamente.

As múltiplas maneiras de aprendizagem sobre sexualidade e orientação sexual não podem ser desconsideradas quando se pensa a sexualidade de uma perspectiva cultural e histórica. Elas precisam, portanto, ser levadas em conta em projetos educativos voltados para este assunto. É possível, por exemplo, conversar sobre algum tema em pauta em alguma novela ou em outro programa televisivo assistido pelas/os estudantes, como um namoro, a relação afetiva e sexual entre duas mulheres, a gravidez de uma jovem ou um casamento inter-racial.

Vamos refletir um pouco sobre as diferenças entre a escola e outros locais de aprendizagem sobre sexualidade, como a família, a televisão e amigos e amigas. Há estudantes que

*Veja um trecho de uma conversa entre duas estudantes de 13 e 14 anos sobre a questão:*

– *Mas este assunto, como nasce um bebê, os pais de vocês já tinham conversado com vocês sobre isso?*

– *Conversar, não. A gente vê na televisão. Um parto de uma pessoa...*

– *A gente vê, aí depois a gente pergunta, fica curioso. A gente pergunta para os nossos pais, aí eles vão lá e mudam de assunto: “Ah, sai pra lá, menina!”.*

*Foi dentro da escola que essas meninas vieram a aprender sobre esses temas. Antes disso não haviam tido a oportunidade de ter suas dúvidas respondidas. Além das amigas, nunca tinham conversado com outras pessoas a esse respeito.*

*Uma outra fala, agora de um aluno de 14 anos, também ajuda a pensar nesta questão. Ele assim compara o que sabia antes sobre sexualidade com o que aprendeu na escola:*

– *A gente tinha muita informação errada ou certa. Aí a gente não sabia qual era a mais correta.*

e se propõe verdadeiro. Deste modo, a distinção entre o que aprendem na escola e o que aprenderam em outros locais representa, para muitas/os, a constatação de que o que foi passado pela escola é um saber que traz um valor de verdade, o qual adotam como critério para sistematizar e avaliar seus conhecimentos prévios.

Entretanto, é importante lembrar que não há uma ciência unificada, mas diversos discursos em conflito pela hegemonia desse lugar do saber. A respeito da diversidade sexual, por exemplo, na unidade 1 desde Módulo vimos que o discurso preconceituoso acerca da homossexualidade – vigente desde a segunda metade do Século XIX e durante grande parte do Século XX – foi aquele que organizou as teorias médicas que serviram para propagar a idéia de uma homossexualidade perigosa, uma “degeneração”. Foi na esfera da política das corporações psiquiátricas que se pleiteou a desclassificação da homossexualidade como patologia, mas ainda hoje, nesse mesmo campo, existe um intenso debate acerca da necessidade de *despatologizar* as experiências [transexuais](#) e [transgêneros](#). É preciso então, problematizar a autoridade atribuída à Ciência. As “verdades” da Ciência são também construções sociais, historicamente situadas, fruto de interesses políticos, instrumentos de poder.

Perguntas a respeito da masturbação são bastante freqüentes em aulas de educação sexual. Estudantes, principalmente meninos, perguntam, por exemplo: “É verdade que masturbação dá pêlo nas mãos? Faz o peito crescer? Cria espinhas? Afina a voz? Cria pedras no peito? Faz o pinto parar de crescer?”. Professoras/es de ciências ou biologia

**(...) como abordar o tema masturbação relacionado à equidade de gênero? Como pensar a masturbação como uma prática sexual permitida também às mulheres?**

geralmente recorrem a argumentos das ciências biológicas para demonstrar que essas crenças populares são mitos, sem fundamento científico. Explicam que o aparecimento de espinhas e o aumento da glândula mamária são decorrentes de alterações hormonais e não da masturbação. Além disso, este debate suscita outras questões: como abordar o tema masturbação relacionado à equidade de gênero? Como pensar a masturbação como uma prática sexual permitida também às mulheres? Como debater o assunto em aula olhando-o de modo positivo? Como uma prática de [sexo seguro](#), por exemplo?

A partir destas questões, reafirmamos que a escola ocupa um lugar importante na vida de adolescentes, podendo garantir acesso a informações sobre temas ligados à sexualidade e a direitos, entre outros. Destacamos que, além da perspectiva biológica, tais questões devem ser abordadas a partir de diversos ângulos, como o das ciências humanas. Esta é a perspectiva adotada neste Curso, buscando contribuir para suas intervenções escolares. Gostaríamos de observar ainda que, embora o acesso à informação seja primordial, ele não é suficiente para promover uma atitude reflexiva, crítica e responsável. Nesse sentido, vale estar atento a oportunidades não só de transmitir “mensagens preventivas”, mas também de construir propostas educativas que promovam a reflexão sobre os direitos

e as responsabilidades dos cidadãos e das cidadãs a respeito da expressão do afeto, da sensualidade e da reprodução.

O desafio não é pequeno! Bom trabalho!

## GLOSSÁRIO

**Gênero:** Conceito formulado nos anos 1970 com profunda influência do pensamento feminista. Para as ciências sociais e humanas, o conceito de gênero refere-se à construção social do sexo anatômico. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos.

**Sexualidade:** Refere-se às elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade. As definições atuais da sexualidade abarcam, nas ciências sociais, significados, ideais, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configurados de modos diversos em diferentes contextos sociais e períodos históricos. Trata-se, portanto, de um conceito dinâmico que vai evoluindo e que está sujeito a diversos usos, múltiplas e contraditórias interpretações, e que se encontra sujeito a debates e a disputas políticas.

**Sexo seguro:** termo que representa um conjunto de cuidados e habilidades que cada pessoa desenvolve para evitar atividades que apresentem riscos indesejados. Embora ainda não faça parte dos hábitos de muitos adolescentes, o uso consistente da camisinha é o meio mais seguro de prevenção contra o HIV/Aids e contra outras doenças sexualmente transmissíveis.

**Transgênero ou "trans":** São termos utilizados para reunir, numa só categoria, travestis e transexuais como sujeitos que realizam um trânsito entre um gênero e outro.

**Transexuais:** Pessoas que possuem uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Homens e mulheres transexuais podem manifestar o desejo de se submeterem a intervenções médico-cirúrgicas para realizarem a adequação dos seus atributos físicos de nascença (inclusive genitais) à sua identidade de gênero constituída.